Universidade de Brasília

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO

CURSO DE LETRAS – TRADUÇÃO - ESPANHOL

DÉBORA INEZ GUEDES MARTINS DE SOUZA

# *COMO AGUA PARA CHOCOLATE:* UMA RETRADUÇÃO DE LINGUAGEM, DESEJOS E RECEITAS

Brasília, 2014

DÉBORA INEZ GUEDES MARTINS DE SOUZA

# *COMO AGUA PARA CHOCOLATE:*
# UMA RETRADUÇÃO
# DE LINGUAGEM, DESEJOS E RECEITAS

Projeto Final de Graduação apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela do Curso de Letras Tradução – Espanhol sob orientação do
Prof. MsC: Gleiton Malta Magalhães

Brasília, junho de 2014.

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Projeto Final de Graduação apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Letras Tradução – Espanhol.

_____

Débora Inez Guedes Martins de Souza

Data da apresentação: 7 de julho de 2014.

**BANCA EXAMINADORA**

_____

Prof. Gleiton Malta Magalhães
Orientador

_____

Profª. Alba Elena Escalante Alvarez

_____

Prof. Luis Carlos Ramos Nogueira

Para Leonardo, que mudou meu mundo através
do amor gratuito e dos risos diários.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho representa o fim de uma etapa da educação formal, almejada por muitos brasileiros, sejam eles, classificados segundo o IBGE[1] como pertencentes às classes sociais mais privilegiadas ou em situação de vulnerabilidade social. Os principais personagens dessa história de conquista foram (e são), entre outros, os professores que depositaram (e depositam) nas salas de aula a esperança de um país melhor.

Por isso, o meu MUITO OBRIGADO vai para aquela que me ensinou a ler cores e palavras ainda em tenra idade, minha primeira professora, Terezinha; para aquela que me ensinou a tabuada, professora Helena; para aquela que me ensinou a reciclar papel para desenhar, professora Sirlene; para a professora que me mostrou que "língua é poder", professora Viviane de Melo Resende; para a professora que me mostrou que o caminho da reflexão é, por vezes, mais esclarecedor que o das respostas; Alba Elena Escalante Alvarez; e para aquele que me ajudou formalmente a finalizar essa primeira jornada, que me fez repensar a minha própria língua desde o início do meu curso de graduação e que sem seu apoio e disposição ininterrupta não seria possível a conclusão deste projeto, professor Gleiton Malta Magalhães.

Obrigada professores Júlio César, Luis Carlos e Hermenegildo Bastos; e professoras Sandra María, María del Mar, Magali Pedro, Alícia Silvestre, Lucie de Lannoy, Ana Rossi, Jane Castro e Marina Magalhães por compartilhar seus conhecimentos da melhor maneira possível.

Obrigada pai e mãe, Célio e Terezinha, pelas escolhas que fizeram ao me criar, as certas, e, principalmente, as erradas, pois todas elas me fizeram querer chegar até aqui.

Obrigada aos meus colegas da Universidade, pelos momentos de descontração e pelas caronas à noite para a rodoviária.

Obrigada, Leonardo, pela paciência e carinho incondicionais, por me fazer acreditar em mim mesma e também por acender uma luz quando todas elas já tinham se apagado para mim.

E obrigada Deus, por sempre ter me dado mais do que eu esperava.


[1] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

*Era inevitable: el olor de las almendras amargas*
*le recordaba siempre el destino de los amores contrariados.*
Gabriel García Márquez

## RESUMO:

Este projeto final de graduação apresentará estratégias, oferecidas pela autora do projeto, para a retradução parcial da obra *Como agua para chocolate*, de Laura Esquivel, levando-se em consideração a funcionalidade do texto na língua de chegada. Partindo-se da hipótese de que um texto pode ser recriado em outras línguas e épocas e, ao mesmo tempo, ter sua essência traduzida, quando o texto original o permitir, este trabalho objetiva propor uma reflexão sobre tradução funcional, retradução literária como um fenômeno e uma discussão sobre as dificuldades da retradução *in loco*. A partir disso, será verificado que o fazer tradutório abarca questões que vão da sintaxe e chegam até o debate sobre questões socioculturais, culminando, segundo Walter Benjamin, numa reflexão sobre a presença da alteridade na própria língua – tarefa do tradutor.

**Palavras-chave:** retradução, unidade de tradução, funcionalidade

## RESUMEN:

Este proyecto final presentará estrategias ofrecidas por la autora del proyecto, para la retraducción parcial de la obra Como agua para chocolate de Laura Esquivel, teniendo en cuenta la funcionalidad del texto en el idioma de destino. Partiendo de la hipótesis de que un texto puede ser recreado en otros idiomas y épocas y, al mismo tiempo, tener su esencia traducida, siempre que texto original lo permita, este trabajo tiene como objetivo proponer una reflexión sobre la traducción funcional, retraducción literaria como un fenómeno y una discusión sobre las dificultades de retraducción in loco. A partir de esto se puede ver que la traducción cubre temas que van desde la sintaxis hasta el debate sobre cuestiones socio-culturales, que culminan, según Walter Benjamin, en una reflexión sobre la presencia de la alteridad en su propia lengua - la tarea del traductor.

**Palabras-clave:** retraducción, unidad de traducción, funcionalidad

## ABSTRACT:

This final project will present strategies offered by the author of the project, for partial retranslation of the work *Como agua para chocolate* by Laura Esquivel, taking into consideration the functionality of the text in the target language. Having as the starting point the hypothesis that a text can be recreated in other languages and times and, at the same time, have its essence translated, when the original text allows it, this work aims to propose a reflection on functional translation, literary retranslation as a phenomenon and a discussion of the difficulties of retranslation in loco. From this, we can verify that the translation covers issues ranging from syntax and to the debate on socio-cultural issues, culminating, according to Walter Benjamin, in a reflection on the presence of alterity in our own language - the translator's task.

**Key words:** retranslation, translation unit, functionality

# SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS ..... 1
1 INTRODUÇÃO ..... 2
1.1 Apresentação ..... 2
1.2 Um pouco da autora ..... 4
1.3 Caracterização da obra ..... 4
1.4 Objetivo geral ..... 7
1.4.1 Objetivos específicos ..... 7
1.5 Justificativa ..... 8
1.6 Metodologia ..... 9
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS ..... 11
2.1 Sobre a Tradução – brevíssima história de sua teoria ..... 11
2.2 Sobre a tradução literária ..... 12
2.3 Sobre a retradução ..... 14
2.4 Sobre as unidades de tradução ..... 18
3 RELATÓRIO ..... 22
3.1 Projeto de tradução ..... 22
3.2 Marcas culturais e problemas de tradução ..... 26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... 33
ANEXO I –TRADUÇÃO .....

# LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa conceitual de Holmes dos Estudos da Tradução (1972)

Figura 3: Quadro ilustrativo da posição da retradução em relação a outros textos. Adaptado de Berman, 2007, p. 97.

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Apresentação

Os Estudos da Tradução surgiram para formalizar e desenvolver teorias que abarcam as diversas expressões que a Tradução pode assumir. Uma delas é a retradução, objeto de estudo desta pesquisa e fenômeno que nos remonta à formação dos cânones literários europeus e, por conseguinte, da América.

Neste trabalho, apresentaremos uma retradução dos três capítulos iniciais da obra *Como agua para chocolate*, de Laura Esquivel, capítulos em que a maioria dos personagens é apresentada, assim como a trama.

A proposta de retradução deste projeto não se identificará como "acabada" e não intentará ser definida como melhor ou pior que a primeira tradução. Não há "melhor" ou pior no campo da ética. Inclusive, segundo a Teoria do Escopo, proposta por Katharina Reiss e Hans Vermeer (REISS, 1996), esta retradução adotará um caráter funcionalista, i.e., pragmático para a solução de dificuldades que surgirão a partir de uma leitura prévia da obra original para identificação dos problemas de tradução a serem trabalhados. A retradução de caráter funcional observará, nesses termos, as palavras de Reiss e Vermeer (REISS, 1996, p. 5), onde o que importa é que o texto "funcione o melhor possível na situação e nas condições previstas [pelo tradutor]." A interpretação como recurso de tradução é uma estratégia oportuna para uma finalidade específica. O *translatum*, "resultado da translação", é o objetivo e não apenas a transposição de ordem linguística (Reiss, 1996, p. 5).

Ante o exposto, podemos sugerir que a classificação deste trabalho no mapa conceitual de Holmes/Toury dos *Translation Studies* (1972,1988) situa-se dentro dos Estudos Aplicados (*Applied Studies)*, uma vez que a revisão de literatura se baseia na prática da tradutora[2] em formação: a própria tradução. Como o objetivo da tradução será funcional, esta será orientada ao produto, já que este trabalho refletirá problematizações que surgirão a partir do enfrentamento entre texto fonte (TF) e texto meta (TM) e da possível recepção deste texto na cultura de chegada. Assim, a reflexão sobre o que será mais apropriado ou não tanto na tradução nos leva à rama dedicada à Didática da Tradução, *Translation Training*. Contudo, apesar de haver

[2] Quando não especificada, a palavra "tradutora" refere-se à autora deste Projeto Final de Graduação.

mais teorias voltadas para a didática propriamente dita, este trabalho tem seu foco voltado para o relato de uma tradutora em formação, ou seja, ele prima mais pela aprendizagem-aquisição de estratégias de tradução por parte do tradutor que por parte do profissional que ensina tradução. O TM apresentado tem como público alvo tanto para possível recepção quanto para avaliação a banca, à qual este trabalho é encaminhado, especializada em Estudos da Tradução. A seguir, como ilustração, o diagrama conceitual proposto por Holmes com destaque à localização deste trabalho no campo disciplinar:

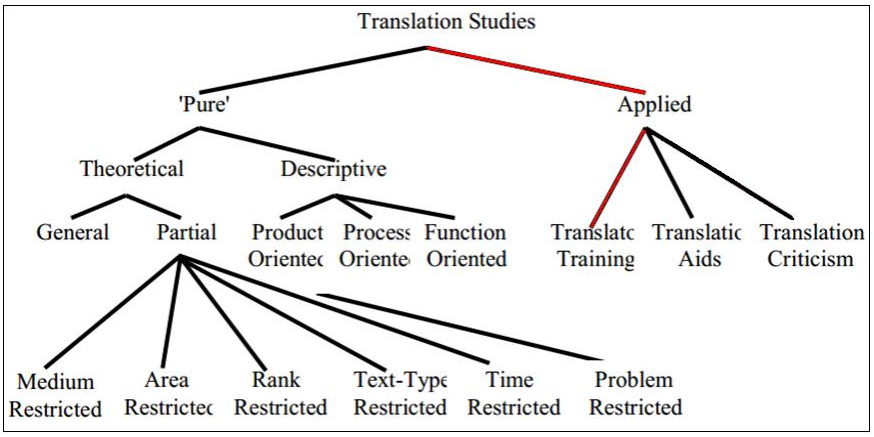


**Figura 1: Mapa conceitual de Holmes dos Estudos da Tradução (1972)**

A reflexão sobre a língua do outro e da própria se apresentará como inevitável no momento da tradução e oferecerá uma reflexão mais apurada das línguas envolvidas e de suas resignificações.

Por fim, este trabalho está divido em três partes, sendo elas Introdução, Pressupostos Teóricos e Relatório de Tradução, além de contar com Referência Bibliográfica e Anexo.

Na Introdução, apresentaremos este trabalho, ou seja, a obra a ser traduzida, os fatores que envolvem sua leitura como a escola literária na qual a obra está inserida, a história da autora e a do México como pano de fundo. Nos Pressupostos Teóricos, utilizamos como aporte teórico Berman (2002, 2007), Benjamin (2011) e Bassnett (2003) para iniciarmos um breve apanhado da história da Teoria da Tradução e da própria Teoria da Tradução. No tocante à retradução citaremos teóricos que defendem sua prática e apresentam teorias a respeito, retomando Berman e Benjamin para tanto, e acrescentando as ideias de Susam-

Sarajeva, Reiss e Vermeer sobre a aceitabilidade do fenômeno da retradução na academia e alguns preconceitos que serão avaliados. Em seguida, trabalharemos o conceito de unidade de tradução a partir de Nord e tentaremos explicitar o conceito de unidade de tradução vertical. Nas considerações finais tentaremos retomar os preceitos iniciais deste trabalho e analisaremos as implicações deste trabalho como um todo.

## 1.2 Um pouco da autora

Laura Esquivel nasceu em 1950 na Cidade do México, numa família católica e quando jovem estudou filosofias orientais. Sua avó era a matriarca, levando Esquivel e as outras mulheres da família para a cozinha, onde dividiam pensamentos[3].

Estudou Licenciatura e Teatro e trabalhou como professora de séries iniciais, começando a escrever peças teatrais para crianças em virtude da precariedade do sistema de ensino.

Tempos depois, começou a escrever roteiros para a televisão e começou a estudar cinema. Em 1985, casou-se com o diretor cinematográfico Alfonso Arau, o que permitiu seu maior engajamento com a sétima arte e a produção do filme *Como agua para chocolate* de seu livro homônimo e primeiro romance. Foi a primeira ganhadora estrangeira do prêmio *American Bookseller Book of the Year* em 1994 pela mesma obra, *Like water for chocolate*, traduzido para o inglês por Thomas Christensen.

## 1.3 Caracterização da obra

*Como agua para chocolate* conta a história de Tita, suas duas irmãs e sua mãe. Tita é a última filha mulher e carrega a sina de cuidar de sua mãe viúva até a morte, não podendo casar-se. Essa tradição familiar castradora faz Tita ser a primeira mulher numa sociedade machista a levantar questionamentos e a lutar pelo direito de ser feliz, embora isso traga muitas tristezas durante toda sua vida. As mulheres são protagonistas nessa obra, sendo o papel do homem relegado a segundo plano.

[3] Fonte: < http://www.infopedia.pt/$laura-esquivel >. Acessado em 5 jun.2014.

A história se passa na cidade de Piedras Negras, no Estado de Coahuila, fronteiriço com o Estado do Texas nos Estados Unidos – palco de muitos combates. Essa região, dominada por Pancho Villa (1878-1923), sofreu a invasão de muitos americanos no final do século XIX, o que trouxe muito sofrimento para seus habitantes. Nessa época o México tinha como presidente Francisco Madero (1873-1913) que em seu governo sofreu muita oposição e revoltas, principalmente, no norte do país. Isso se intensificou com um golpe em 1913 por Victoriano Huerta (1850-1916), quando o governador do Estado de Coahuila, Venustiano Carranza (1859-1920) não reconheceu seu governo, trazendo muita violência para o Estado. A presença de revolucionários na cidade representava a ocorrência de invasões, mortes, saqueamentos e carência de recursos alimentícios, evidenciado na obra em diversos momentos como na dificuldade de compra de seda para o lençol nupcial, no alojamento de revolucionários na fazenda e no rapto de sua irmã, Gertrudis. Assim, a revolução estende-se de 1910 a 1934. Esse é o tempo que Tita também teve para fazer sua revolução e lograr êxito, assim como o México com o propósito de sua revolução (Miranda, 2011, p. 2).

A obra foi publicada em 1989 e pertence à corrente literária conhecida como realismo mágico ou realismo fantástico, escola literária que surgiu no início do século XX. Essa escola se caracteriza pela presença de recursos sobrenaturais, que se fundem com a realidade, e de elementos sensoriais, que estão presentes como parte perceptiva da realidade. Essa corrente se desenvolve intensamente nas décadas de 60 e 70, época em que muito países na América do Sul encontravam-se sob regimes ditatoriais. Essa escola também teve como expoentes Gabriel García Márquez, Júlio Córtazar, Jorge Luis Borges e o brasileiro José J. Veiga.

O realismo mágico se fortaleceu nesse período, sendo uma forma de reação política e social. O uso de elementos fantásticos, não para explicar, mas para descrever a realidade aparecem no livro de Esquivel em diversos momentos.

O romance *Como agua para chocolate* conta com doze capítulos, cada um sob o título dos doze meses do ano, i.e., de janeiro a dezembro – sendo uma divisão metafórica das fases da vida da personagem principal, Tita de La Garza, uma vez que a história de sua vida começa em Janeiro e termina com o mês de Dezembro – as dilatações dos tempos cronológicos e psicológicos na obra apontam somam-se ao fato de que cada capítulo inicia-se com uma receita típica e condicionada à fase

de sua vida e às estações do ano em virtude da disponibilidade de recursos alimentícios. Através dessas receitas típicas do México, em meio à narração da obra, a autora descreve o universo social e psicológico da personagem Tita, que encontra em seus pratos refúgio para suas aflições e alegrias. Os pratos por ela feitos são uma maneira peculiar de comunicação com o mundo e com ela mesma. Por exemplo, no capítulo em que sua irmã, Gertrudis, foge de casa para satisfazer suas necessidades sexuais em uma casa de prostituição, já que não havia homem capaz de atendê-la, é encabeçado por uma receita que leva pétalas de rosas, sangue acidental, lágrimas e o sacrifício de codornas com as próprias mãos. Esses ingredientes propõem uma leitura semiótica prévia do calor e do fogo literalmente sentidos pela sua irmã, que estariam por vir.

O livro oferece ao leitor a história de uma cozinheira do início do século XX que, durante a Revolução Mexicana (1910-1934), protagoniza outra revolução em menor escala: em sua casa. Nesse livro é apresentado como as tradições matriarcais reinam em solo exclusivamente feminino e é um exemplo da – ainda que tímida – ascensão da mulher na sociedade. Na obra, as mulheres são protagonistas de suas vidas e o homem tem papel secundário. Porém, a tradição de deixar solteira a última filha é a sina da vida de Tita e é este o tema da história que se passa em meio árido, em um pequeno povoado mexicano.

A personagem de Tita representa a mudança iminente – e crescente – dos direitos e valores sociais da mulher no ocidente, podendo ser considerada uma projeção artística dos acontecimentos do tempo da autora. Nas palavras de Erza Pound "[a literatura] só pode ser conjecturada a partir da realidade e cuja evidência não pode ser senão uma extensão particular e limitada da realidade." (POUND, 1989, p. 35). De igual forma, poderíamos fazer uma pequena extensão desse pensamento e chegarmos ao fenômeno da tradução que, assim como a literatura, também está sujeita a sistema de significações linguísticas e culturais particulares, distintas do autor da obra original.

Dessa forma, história social e romance se confundem na trama *Como agua para chocolate*, que possui traduções publicadas em mais de 30 línguas[4], oferecendo uma nova leitura social, para aqueles que objetivam uma leitura nada despretensiosa. Um novo exemplar de literatura feminina surge para distintas

[4]Fonte:<http://pos-graduacao.ascom.uepb.edu.br/ppgli/download/dissertacoes/Dissertacoes2010/Raquel%20Serr%C3%A3o.pdf>. Acessado em 10 jun. 2014.

culturas, e insere-se em contextos sociais marcados, mas não exclusivos. No Brasil, a tradução publicada em 1993 se aliou, inclusive, à crescente política de difusão do espanhol vivida pelo país em meados dos anos 90. A tradução brasileira em grande parte obedeceu à pontuação do texto em espanhol e manteve muitas palavras estrangeiras, tais como: *comal, teleras,* e *tepezcuintle*. Nesse projeto tentaremos apresentar uma tradução parcial da obra diferente em relação ao que foi citado, ou seja, a tradução privilegiará o léxico da cultura de chegada[5] quando for possível.

A obra mexicana tornou-se um *best seller* e foi adaptada para o cinema em 1992[6], sendo a autora a própria roteirista.

## 1.4 Objetivo geral

Sabendo-se das dificuldades que envolvem o fazer tradutório no que concerne à linguagem a ser utilizada, ao uso de metáforas e dificuldades linguísticas, somadas àquelas que ultrapassam a barreira da língua e apresentam uma história social diversa da nossa, faz com que o trabalho do tradutor seja convertido em desafio. Assim, o objetivo geral deste trabalho é apresentar uma possibilidade de tradução de uma obra que já possui outra tradução publicada, renovando a temática do romance através da leitura de outro tradutor, do contar da história, da letra.

### 1.4.1 Objetivos específicos

Para atingir o objetivo geral deste trabalho, qual seja, uma retradução parcial de uma obra em espanhol e o levantamento de reflexões teóricas e práticas das implicações desse tipo de tradução na cultura alvo, pretendemos i) estabelecer as estratégias de tradução mais apropriadas à abordagem adotada pela tradutora; ii) identificar trechos no texto original que apresentam dificuldades para uma tradução

[5] Entenda-se cultura de chegada, aqui, a partir da experiência linguística e pessoal da própria autora deste trabalho, em outras palavras, uma realidade linguística no século XXI do Português do Brasil, de alguém nascido em Brasília, porém, no seio de uma família nordestina.

[6] Filme homônimo, dirigido por Alfonso Arau, México, 1992. Elenco: Marco Leonardi, Lumi Cavazos, Regina Torné, Ada Carrasco, Mario Iván Martínez, Claudete Malle, Yareli Arizmendi. Música de Leo Brouwer, fotografia de Steven Bernstein e Emmanuel Lubezki; distribuição: Europa Filmes, com duração de 105 minutos. Foi indicado a prêmios de melhor filme em língua estrangeira e de língua espanhola e de filme latino nos festivais BETA, Globo de Ouro, Prêmio Goya e Festival de Gramado, respectivamente.

funcional; e iii) indicar alterações para que as receitas se tornem mais funcionais para o leitor brasileiro.

Salienta-se, no entanto, que ao abordamos o tema das estratégias, este trabalho não tem o escopo de ser prescritivo, mas somente o de ilustrar o fazer tradutório e a reflexão sobre a tradução de parte de uma obra que se converteu em uma das grandes obras literárias da literatura mundial.

## 1.5 Justificativa

O fenômeno da retradução para os Estudos da Tradução ainda é um tema cujas pesquisas ainda são escassas, em outras palavras, *per se* (SUSAM-SARAJEVA, 2006, p. 135). Embora esteja presente em várias culturas, há um número crescente de reflexões de ordem descritiva que expandem os horizontes da tradução e que fazem deste trabalho mais uma contribuição à essa área, digna de maior atenção e aprofundamento.

Nesse contexto, apesar das dificuldades próprias da retradução em virtude das expectativas geradas por motivo de haver outra(s) tradução(ões) publicadas da mesma obra, a recriação tem fator preponderante neste trabalho no nível da língua, das significações e das metáforas. E aqui, relembramos a letra de Berman em razão da proximidade do par linguístico trabalhado, a saber, o português-espanhol. A relação existente entre línguas pode confundir o tradutor sobre o real[7] significado sob a tinta no papel, o que pode determinar "sua tradução para outra língua." (BERMAN, 2007, 93). A árdua tarefa de "transpor" os significados de uma cultura para outra está condicionada à realidade linguística de uma nação. Nas palavras de Bakhtin:

Um signo é um fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior. (BAKHTIN, 2002, p. 33)

Assim, podemos afirmar que tanto os signos linguísticos quanto as representações sociais estão condicionados à leitura que o tradutor faz da obra, havendo tantas traduções possíveis quanto for o número de tradutores da obra.

[7] "Real" aqui relaciona-se com as (in)fidelidades na tradução. Seja ela à língua de partida, à língua de chegada, à cultura dos sistemas linguísticos envolvidos etc. Esse tema será discutido nos Pressupostos Teóricos.

## 1.6 Metodologia

Este trabalho teve como sistema de pesquisa a tradução prévia dos capítulos I, II e II da obra *Como agua para chocolate*, de Laura Esquivel, precedida da leitura do livro de Laura Esquivel em sua edição em espanhol. Para fins de estudo, foram escolhidos os dois capítulos mais importantes da obra, na visão da autora deste projeto, quais sejam, capítulo I que apresenta os principais elementos da narrativa, a saber, os personagens, o tempo, espaço, o narrador bem como a trama da história que irá se desenvolver no correr do livro. E o capítulo III, onde a personagem principal, Tita, encontra-se frente a frente com seus medos e desejos, frente à si mesma, num processo de autoconhecimento que se confunde com as receitas que tanto comunicam o que ela não pode verbalizar.

Primeiramente, apresentaremos alguns trechos traduzidos e as dificuldades enfrentadas pela tradutora; posteriormente serão apresentados fragmentos da obra traduzida por Olga Savary, não a título de comparação, mas sim para ilustração das possibilidades de tradução, sem que nenhuma versão seja julgada como certa ou melhor que outra. Por fim será apresentada a retradução de nossa autoria, fruto de uma experiência linguística que suscitará reflexões para o melhor entendimento das escolhas tomadas.

Os capítulos selecionados para a retradução serão analisados sob a luz do modelo funcional da teoria dos *skopos*, ou *Skopostheorie*, onde a tradução reconstrói o texto original a partir de seus singulares propósitos, sejam eles específicos, explícitos ou implícitos. Dessa forma, não apenas os aspectos linguísticos da obra original em si justificam as escolhas do tradutor, mas também aspectos extratextuais, numa esfera maior, que se reportam, inclusive, às condições em que o texto original foi produzido. Em outras palavras, este trabalho segue o modelo de análise textual orientada à tradução (NORD [1988], 2005). Essa teoria surgiu nos anos 70 e tem como principais representantes, Katharina Reiss, Hans J. Vermeer e Christiane Nord, sendo usada para traduções diversas e, neste caso, em tradução literária.

Nessa vertente, a autora deste projeto pretende alicerçar suas futuras escolhas na retradução da obra supramencionada, haja vista a realidade cultural e, portanto, linguística, não possuir correspondentes na língua de chegada em diversos momentos. Uma escolha de retradução fluida e não permeada por notas de rodapé

e explicações diluídas no corpo do texto serão propósitos primeiros da tradutora. Para alcançar esse objetivo, a fidelidade ao sentido do texto original e a liberdade à reprodução desse sentido andarão juntas, sendo esta condicionada àquela. Porém, em virtude da proximidade de ambas as línguas (em relação ao léxico), português e espanhol, haverá trechos que trarão as mesmas metáforas e até as mesmas palavras, quando a alteração não se justificar.

Quanto ao à revisão de literatura, em suma, iremos desenvolver um apanhado teórico passando por Berman e suas palavras sobre a retradução como espaço da tradução; por Benjamin e suas considerações a respeito da fidelidade *versus* liberdade; por Bassnett com parte do aporte teórico que contribuiu para o nascimento dos Estudos da tradução; por Susam Sarajeva com suas desmistificações a repeito do conceito de retradução; até chegar a Reiss, Vermeer e Nord com a funcionalidade da tradução. Além de outros teóricos que embasam a própria manifestação deste trabalho, bem como os aspectos interculturais envolvidos que justificam as escolhas da tradutora. Essa parte é de fundamental importância, por nortear toda a pesquisa e a revisão da retradução.

Por fim, apresentaremos a discussão teórica e prática deste trabalho, as considerações finais com base nas reflexões suscitadas desde o momento da retradução até o exame da pesquisa apresentada, e a tradução proposta pela autora deste trabalho.

# 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

## 2.1 Sobre a Tradução – brevíssima história de sua teoria

A tradução, se entendida como um processo que viabiliza o intercâmbio cultural entre os povos, pode ser um fenômeno tão antigo quanto a própria humanidade. Nessa vertente, podemos defini-la como a "tradução propriamente dita" de Jakobson (2007, p. 65). Esse autor classifica em três as espécies de tradução, a saber, tradução intralingual – definida como a reformulação de uma mensagem por meio de outros elementos verbais dentro do mesmo código linguístico –, a tradução interlingual – onde há a mudança do código linguístico para que a mensagem possa ser interpretada em outra língua –, e a tradução inter-semiótica ou transmutação –, que modifica o sistema de signos, a saber, o verbal pelo não-verbal. Este estudo tem seu foco sobre a tradução interlingual, porém é importante observar que o uso da palavra Tradução aqui é um resultado histórico e social das muitas tendências e estudos que, ao longo do tempo, revelaram diferentes conceitos relacionados à Tradução e ao próprio conceito de Tradução.

Algumas das primeiras reflexões a respeito da Tradução no Mundo Ocidental têm como expoentes Cícero e Horário. O impasse da tradução literal versus a tradução do sentido, a Tradução vista como uma reelaboração do texto original e critérios pouco rígidos com o conceito de "fidelidade" na Tradução eram princípios norteadores que acabariam por contribuir para a construção do sistema literário romano. Depois disso, tivemos Martinho Lutero e seus contemporâneos renascentistas com as polêmicas traduções de textos da Bíblia que traziam para a língua vernácula dos povos europeus a palavra de Deus com provérbios e expressões da língua de chegada (BASSNETT, 2003, pgs. 80-91).

Fazendo um salto para finais do século XVII e início do século XVIII, nos deparamos com as Belas Infiéis, que se caracterizou como um movimento na França que primava por uma tradução fluída do conteúdo, sem elementos semânticos que causassem estranheza ao público alvo e, sobretudo, sem preocupação com a forma, o que levantou, posteriormente, pertinentes questões sobre fidelidade, autoria e plágio. Segundo Mounin (1955, p. 55), o que causava aversão à cultura de chegada deveria ser evitado.

Já no século XX, assistimos ao nascimento dos Estudos da Tradução (*Translation Studies)* na década de 60, a partir de publicações de teóricos como Susan Bassnett, André Lefevère, Holmes, Catford, dentre outros, que trouxeram à tona debates a respeito da teoria e da prática da Tradução, do lugar do tradutor no processo tradutório e das múltiplas facetas da Tradução: se arte, ciência ou ofício. Na década de 80 os estudos descritivos de Gideon Toury e Itamar Evan-Zohar contribuíram para uma identificação cada vez maior dos Estudos da Tradução como uma disciplina independente e não como uma subcategoria da Literatura Comparada. Como ilustração do contínuo progresso dos Estudos da Tradução, discursos de ordem pós-colonialistas, política e de gênero emergem também na década de 90, e cada vez mais, oferecem um lugar ao sol para os Estudos da Tradução.

Em outras palavras, hoje a atividade da tradução ocupa um lugar de relevância em uma era onde a globalização, os processos migratórios e os fluxos de informação aproximam os povos e levantam questões várias, como, por exemplo, o lugar do tradutor, das traduções e das retraduções no cânone literário de um país. Dessa maneira este trabalho colaborará para que os Estudos da Tradução ofereçam uma perspectiva a mais e contribua para uma proeminência cada vez maior dessa área de estudo.

Contudo, cabe ressaltar que embora a globalização aproxime os povos, nos arriscamos a dizer que nem todos os integrantes de uma nação participam ativamente desse contínuo processo de globalização e é para esses, também, que a tradução será pensada. Ou seja, tentaremos trazer o altero, mas sem lançar mão de usar também elementos culturais próprios da cultura de chegada. Teremos, porventura, perdas em nome de ganhos e vice-versa. Pois acreditamos que para que o texto cumpra o propósito de ser fluente na língua de chegada, ele também pode fazer-se híbrido quanto aos elementos culturais evocados.

## 2.2 Sobre a tradução literária

É sobre a tradução de textos literários que muitos estudiosos pautam suas teorias. Traduzir um texto literário faz-se tarefa difícil, mas não instransponível. A tradução é um fenômeno tão antigo quanto a própria humanidade e uma ação tão redentora quanto a de tentar resgatar o outro dentro de si mesmo. É ao mesmo

tempo embate e remissão. É também o caminhar da perda de mãos dadas com o ganho. A tradução viabiliza um objetivo maior: o das trocas culturais.

A tradução expõe o tradutor ao alheio, à hesitação e à alteridade. E nesse choque, o primeiro sacrifício é o da letra. “Letra” que Berman (2007, p. 62) defende que, embora deva ser destruída, de algum modo ela deve ser resgatada e mantida. Dessa forma, o tradutor pode incorrer no apagamento do outro, culminando na impossibilidade de o leitor deparar-se com um certo nível de estranheza, o que impede as trocas interculturais. Numa alusão às Belas Infiéis, esse tipo de tradução é um exemplo extremo da supressão de elementos culturais do estrangeiro. Berman conclui que a tradução deve ser inteligível, mas deve também ser refúgio da alteridade, em suas palavras, “albergue do longínquo” (BERMAN, 2007, p. 69). E ainda, segundo Venutti (2002, p. 130), uma vez que as traduções são responsáveis pela construção das representações de culturas estrangeiras, as retraduções implicam na renovação do contínuo intercâmbio cultural entre os povos. Contudo, a presença da alteridade será controlada em virtude do objetivo funcional da tradução.

Nesse contexto, temos o fato de que lidar com tradução é sinônimo de lidar com a alteridade. No momento decisivo das escolhas lexicais, semânticas e até de ordem cultural há um quê de confronto, de obrigação e de desobrigação para com o outro e para si mesmo. Decidir quem ganha essa luta é também tarefa do tradutor. Assim, esse encontro traz “alguma coisa da violência da mestiçagem.” (BERMAN, 2002, p. 16), embora entre línguas próximas como o português e o espanhol haja relativa proximidade em distintos níveis linguísticos, é justamente na língua – o atributo que enquadra os horizontes de uma nação em sentido político, linguístico e cultural – que o tradutor vê-se como um negociador que ora faz-se guardião da palavra do outro ora faz-se capataz.

Mas, traduzir ou não traduzir? Eis a questão que assolou Cícero e o fez repensar a “fidelidade” acordada de maneira tácita e não questionada outrora. É a mesma questão que aflige ainda muitos tradutores e que mantém viva a discussão do traduzir, pois são as perguntas que movem uma ciência, o direito à desconfiança e às descobertas. A essência da tradução, segundo Berman (2002, p. 17) é expor-se ao diálogo, à essa “violência de mestiçagem” e à descentralização de si mesmo enquanto tradutor. E, de maneira remodelada, surge o debate sobre a “fidelidade”. Ser fiel à cultura de partida ou à sua própria? Ser fiel a um determinado código

linguístico? Ser fiel à editora que hoje comercializa e sustenta tradutores por ofício? E ser fiel a si mesmo é válido?

Outra discussão proposta por Aubert (1994, p. 8) é a de que até que ponto temos o dever de apagar nós mesmos como tradutores. Não há resposta para isso. A reflexão é o caminho apontado pelo autor, haja vista a infinita possibilidade de "servidões" às quais o tradutor pode se submeter, inclusive de maneira inconsciente, mas essa é uma questão da Psicanálise da Tradução, inserida nos Estudos Descritivos da Tradução (*Descriptive Studies*) que não será abordada neste trabalho.

Aubert também afirma que desde o momento da leitura de um texto a ser traduzido, o tradutor é um "Receptor-Tradutor", pois, o tradutor não é o "leitor comum", o público alvo mais óbvio da obra, ele fará uma leitura que visa à reconstrução da mensagem e observará num primeiro momento as dificuldades a serem enfrentadas (AUBERT, 1993, p. 26). Esse tradutor fará questão de se colocar entre a cruz e a espada para arriscar-se no campo das significações e também será aquele que rejeitará qualquer leitura que não seja a sua, até que essa surja e faça o tradutor se apropriar de suas escolhas.

## 2.3 Sobre a retradução

Esta pesquisa trabalha uma retradução parcial de *Como agua para chocolate*, de Laura Esquivel, e como tal insere-se em um contexto onde a necessidade, o impacto e outros predicados das retraduções são alvo de debates de teóricos. *Segundo a Routledge encyclopedia of translation studies* (BAKER, 1998, p. 233), Tahir-Gürçalar define "retradução" como o ato de traduzir uma obra previamente traduzida para a mesma Língua Meta (LM). A partir desse conceito Tahir-Gürçalar destaca que a retradução de textos técnicos e científicos dificilmente apresentará novidades e por esse motivo muitas vezes incorre em desnecessárias repetidas e redundantes empreitadas, devendo, assim, ser evitada como prática. Por outro lado, a retradução de textos literários é assinalada como uma atividade bem-vinda e até necessária.

Nessa vertente, podemos localizar este trabalho numa época em que os estudos referentes ao fenômeno da retradução são recentes e escassos. Para

Berman (2007, p. 96), as retraduções se colocam em uma posição privilegiada, oposta ao texto original e à primeira tradução. De maneira ilustrativa, temos:

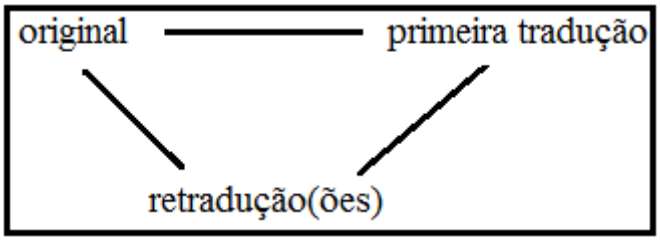


**Figura 2: Quadro ilustrativo da posição da retradução em relação a outros textos. Adaptado de Berman, 2007, p. 97.**

Assim, Berman (BERMAN, 2007, p. 97) elucida que o tradutor que retraduz não pode deixar de considerar a primeira tradução. A retradução põe-se lado a lado da obra original e opõe-se às demais traduções feitas. Retradução significa aceitação e amadurecimento, em suas palavras. Aceitação do novo de novo, da remodelagem; e amadurecimento no que tange à reflexão da língua do outro a partir, também, da reflexão de outro tradutor.

Inclusive, a retradução, segundo Berman[8], não pode deixar de levar em consideração as traduções anteriormente publicadas, haja vista que o fenômeno da retradução tem posição de destaque, estando ela de um lado e, do outro, o TF juntamente com a primeira tradução. Ainda segundo Berman (2007), todas as retraduções são “segundas” traduções, uma vez que não fala-se em “terceiras” ou traduções números 1, 2, 3, 4, 5 etc..

Portanto, ao oferecer uma retradução, o tradutor proporciona uma releitura da obra original e uma retradução das supostas intenções do autor da obra original. Sem desmerecer a atividade de escritura do tradutor – que além de escrever, transforma e cria, ainda que condicionado às ideias de outrem – há uma margem passível de interpretação em textos literários à qual o tradutor, como leitor num primeiro momento, está sujeito. Dessa forma, a tradução e a retradução podem ser vistas como leituras particularizadas da realidade, sujeitas às idiossincrasias e às experiências pessoais. Nas palavras de Bakhtin:

> (...) pode-se dizer que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros

[88] Op. cit., 2007, p. 97.

> enunciados; e, por último, como a minha palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão. Nos dois aspectos finais, a palavra é expressiva, mas essa expressão, reiteramos, não pertence à própria palavra: ela nasce no ponto de contato da palavra com a realidade concreta e nas condições de uma situação real, contato esse que é realizado pelo enunciado individual. (BAKHTIN, 2003, p. 294)

Assim sendo, a retradução do presente trabalho não invalida ou questiona a tradução publicada de Olga Savary, uma vez que este trabalho não é de ordem comparativa. Pelo contrário, reiterará os esforços despendidos pela primeira tradutora para a "pervivência" da obra original. Entenda-se aqui, a "pervivência" de Walter Benjamin (2011, p. 101), que considera o diacronismo da língua como fator que influi de maneira direta tanto na tradução como em sua aceitação pelo público.

Devido às inevitáveis mudanças que um texto sofre com uma tradução/retradução, também em função da evolução da língua, "a obra traduzida é às vezes 'regenerada'. E não somente no plano cultural ou social: em seu falar próprio." (BERMAN, 2002, p.21). Se nos estendermos um pouco mais além, há um assunto demasiado pertinente à essa tarefa de trazer para o leitor a inteligibilidade em forma e em conteúdo: o da perda. Mas Berman também observa que ganhos são tão presumíveis quanto as perdas nas traduções. Esses ganhos podem ainda chegar ao ponto de superar em certos momentos as significações oferecidas pela língua de partida (LP), num ato de "despertar" da língua meta (LM) de maneira talvez até mais "apropriada".

A partir de um desdobramento desse pensamento, podemos lançar mão das palavras de Susam-Sarajeva (SUSAM-SARAJEVA, 2006, p. 2) que elenca de maneira exaustiva crenças a respeito da atividade da retradução. De maneira geral, a maior delas é a de que as retraduções são "melhores" que as primeiras traduções em virtude do modelo da história como progresso (Susam-Sarajeva, 2006, p. 136). Porém, a autora arrola razões que desmistificam essa e outras crenças. Seus argumentos, são:

- há a ideia de que a primeira tradução empenha-se para a assimilação do conteúdo do texto original e de que a retradução respeita a alteridade, porém ambas as ocorrências podem estar presentes em traduções e retraduções, e a generalização é arriscada;

- a falácia de a retradução surgir após um considerável tempo da primeira tradução. Há muitas obras retraduzidas em um curto espaço de tempo após a publicação da primeira tradução;
- a crença das retraduções existirem pelo motivo de as primeiras traduções serem deficientes, assimilativas, adaptativas, literais etc. Há razões inclusive de natureza além-tradução que motivam as retraduções, como a formação ou a retomada de discursos na Cultura Meta (CM);
- outro fator importante é que a necessidade de retraduzir um texto pode ter relação apenas com o sistema receptor. Isso significa que pode não haver nenhuma característica motivadora ou justificadora inerente ao TF;
- a não existência de retraduções não significa que a única tradução publicada seja boa. Essa é uma importante questão para as pesquisas em Tradução. Mesmo porque, segundo a autora, as grandes traduções geralmente não são as primeiras traduções.

Portanto, numa tentativa de extensão das palavras de Susam-Sarajeva (SUSAN-SARAJEVA, 2006), podemos nos arriscar a dizer que as razões que impulsionam a retradução de uma obra específica em detrimento de outras, podem ter natureza inclusive inconsciente, pois o tradutor está inserido em um sistema carregado de ideologias e fatores socioculturais que não podem ser manipulados de maneira totalmente consciente. O retraduzir não é ação inocente, desprovido de razões, elas estão lá ainda que inconscientes e reclamam espaço no momento decisivo das inevitáveis escolhas intrínsecas à atividade do retradutor. Nas palavras de Berman:

> O tradutor deve “colocar-se em análise”, recuperar os sistemas de deformação que ameaçam a sua prática e operam de modo inconsciente no nível de suas escolhas linguísticas e literárias. (BERMAN, 2002, p. 20)

Dessa forma, a consciência da existência de outras traduções de uma obra a ser retraduzida pode influenciar, entre outros fatores, nas escolhas do tradutor em níveis que podem ir do léxico ao entendimento da obra como um todo.

## 2.4 Sobre as unidades de tradução

Iniciaremos nossos estudos sobre Unidades de Tradução a partir de uma definição funcional. Segundo a funcionalista alemã Christiane Nord, “Todos los indicadores que marcan una determinada función o subfunción comunicativa, con independencia de su rango y de su localización en el texto, forman una unidad funcional” (NORD, 1998, p. 70).

Embora haja divergências quanto à definição de Unidade de Tradução, este trabalho adotará a acepção proposta por Christiane Nord, que tem seu foco sobre a tradução, em outras palavras, como uma das principais representantes da *Skopostheorie*, de Vermeer (1996), a abordagem da tradução proposta se deu em virtude da preocupação com a funcionalidade do texto na cultura de chegada.

O modelo funcionalista de Vermeer[9] “destrona” o texto de partida, afirmando que ele apresenta uma oferta de informações e que esse texto não possui todas as respostas imprescindíveis à tradução, devendo o tradutor buscá-las fora dele. Quanto ao texto meta, Vermeer afirma que por ser uma ação humana, a tradução está condicionada às intenções e aos propósitos do tradutor, não sendo uma atividade mecânica, mas humana (Vermeer, 1989, p. 224).

Porém, antes de apresentarmos o quadro das razões prévias que nortearam a tradução, é necessário fazer um apanhado do conceito suscitado por Christiane Nord no que diz respeito à unidade de tradução.

Em primeiro lugar, Nord (1998, p. 69) sugere um modelo de análise textual voltada para a tradução. Assim, ela divide em dois os tipos de elementos existentes no texto original: fatores externos ao texto e fatores internos ao texto. A partir dessa constatação, o tradutor estará mais preparado para lidar com os problemas de tradução, porém ele não se prenderá à estrutura linguística do texto: será observada a função do elemento a ser traduzido na língua meta e na língua de chegada.

Em segundo lugar, Nord (1998, p. 68) define como “indicadores funcionais” os elementos que sugerem um propósito comunicativo que pode ter correspondência ou não com a cultura de chegada, embora a maior parte das funções comunicativas seja universal. Para tanto, o tradutor deve esgotar as possibilidades de interpretação dos propósitos do texto de partida, o que exige do

[9] Op. cit., 2006.

tradutor uma expertise. A identificação das unidades funcionais de um texto insinua que intraduzibilidade pode ser afastada ou até eliminada, e o conceito de fidelidade ganha outra dimensão – justificando as escolhas do tradutor de acordo com as diretrizes previamente definidas no projeto de tradução. Vale ressaltar que a realização de um projeto pode ser identificada como uma estratégia de tradução, uma vez que faz-se ferramenta de auxílio ao tradutor durante seu processo de tradução. E projeto aqui não se confunde com encargo, haja vista que esse último não parte do tradutor, mas de algo acima dele, como uma editora ou um professor que delimita as escolhas que o tradutor poderá fazer em função de um objetivo que não é propriamente seu. (NORD, 1998, p. 70)

Em terceiro lugar, Nord apresenta as funções básicas da comunicação, que são quatro:

- função referencial: apontada como a compreensão de referências objetivas, como coisas e fenômenos da cultura de partida. Aqui surgiram os problemas de tradução referentes aos ingredientes das receitas e as próprias receitas, já que a culinária brasileira difere da mexicana nos dois aspectos. Outro fator, foi a fala de Chencha, uma personagem antagonista com função cômica. Reproduzir a fala da empregada que claramente tem baixo nível de instrução, e não um problema fonológico, em relação aos demais personagens foi um desafio por parte da tradutora deste trabalho. As subfunções são “informativa, metalinguística, instrutiva, didática dentre outras”.
- Função expressiva: definida como a função de expressar ações ou emoções “diante das coisas e fenômenos do mundo”. Essa parte tem íntima relação com o emissor do texto original que oferece propósitos expressos – expressos no sentido de que não passaram pelas mãos de um tradutor que, porventura, poderia modificar tais propósitos primeiros. Na obra de Laura Esquivel ocorre, por exemplo, quando Tita utiliza a expressão *mami* para se dirigir à sua mãe quando esta estava enfurecida, pois apesar de num primeiro momento parecer um vocativo irônico a autora tece explicações que dão outro tom à palavra. Ou quando a empregada Chencha ironicamente compara as filhas de Mamãe Elena a

comidas elaboradas para ocasiões distintas, hierarquizando-as. As subfunções são: “valorativa, emotiva, irônica etc”.

- Função apelativa: função que recorre às experiências e conhecimentos prévios do leitor, i.e., esta função está relacionada com o receptor do texto meta. Para compreender a ligação das receitas com o enredo do romance, no texto original o leitor mexicano provavelmente conhece a gama de ingredientes apresentada e nos momentos em que a autora se detém um pouco mais na descrição do aroma e dos sabores é possível que a memória olfativa do leitor do TP seja ativada, mas no TM as mesmas sensações não podem ser reproduzidas sem a devida substituição desses componentes da trama que, embora tenham uma relação de cumplicidade com a personagem principal e reflitam seu estado psicológico, não são as receitas típicas em si que suportam a carga de significados sugerida, mas sim as sensações despertadas por elas. Quando trata-se de uma comida bem típica e comum como as *enchiladas* ou os *tacos*, por exemplo, observou-se a tipicidade de comidas semelhantes na cultura de chegada para que o receptor do texto lesse de maneira fluida o texto assim como o leitor da obra original, sem ater-se às notas de rodapé ou explicações diluídas no texto que para a função da obra se fazem desnecessárias. Subfunções: “ilustrativa, persuasiva, imperativa, pedagógica, publicitária etc.”

Função fática: estabelece o contato social entre o emissor e o receptor. Não se apresenta na obra original, uma vez que não há o uso da primeira pessoa do singular ou do plural dirigida ao leitor em segunda pessoa. Subfunções: “cumprimentos/despedidas, introdução temática, estabelecimento da relação social entre os comunicantes etc.” Dessa forma, podemos definir a unidade funcional como uma unidade de significado que abarca “valores” comuns às línguas envolvidas. A exemplo, o valor de elementos como o título, frases irônicas, piadas, receitas etc (Nord, 1998, p. 69). A tradução palavra por palavra em línguas próximas é arriscada e nem sempre a tradução literal pode suscitar o mesmo plano de significações do TP.

Portanto, podemos concluir que a unidade de tradução vertical, proposta por Nord sob uma perspectiva funcionalista, é uma unidade funcional composta por

distintos elementos – “palavras, recursos estilísticos, estruturas sintáticas, elementos não-verbais etc” (Nord, 1998, p. 66) – que marcam uma determinada função ou subfunção comunicativa.

Por outro lado, a unidade de tradução horizontal seria aquela que, após ler um texto do início ao fim, constata-se a nível estrutural, a existência de uma cadeia linear na própria construção do texto, segundo sua “cronologia sequencial” (NORD, 1998, p. 69). As unidades horizontais dizem respeito aos de elementos mínimos de significação, sejam eles da ordem do morfema, da palavra, frase, período, parágrafo, capítulo ou a obra inteira.

Já no caso das unidades de tradução verticais, embora possa-se ter uma unidade de tradução primária, a saber, o texto como um todo, há unidades menores de tradução que primarão pela da função das palavras envolvidas no excerto a ser traduzido e não pela significação primeira dos elementos, ainda que inteligíveis na língua de chegada como elementos individuais, mas fora de seu contexto. Nas palavras de Bakhtin:

> Na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou coisas más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo, ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (Bakhtin, 2002, p.95)

Dessa forma, faz-se desafio definir as unidades de tradução verticais em uma obra a ser traduzida, pois a carga semântica referente à linguagem utilizada no TP deve ser traduzida, segundo os objetivos do tradutor.

Vale ressaltar que a “palavra”, entenda-se linguagem, de Bakhtin não é algo estável e não se limita às fronteiras geográficas de um país, ela é dinâmica e as escolhas da tradutora deste projeto representam uma parcela das escolhas possíveis num país onde a diversidade climática, cultural e econômica influencia de maneira direta no uso da língua por uma comunidade linguística. Marcos Bagno (1999, p. 10) define a língua como um “rio caudaloso” que não pode ser detido e que sempre está em movimento. Essa é a evolução diacrônica da língua e este estudo se justifica a partir dela, mas apresenta as opções que são frutos de época e região específicas e de experiências pessoais.

# 3 RELATÓRIO

## 3.1 Projeto de tradução

Possuindo essa retradução um objetivo funcionalista, i.e., de tentar trazer ao leitor as ideias e sensações suscitadas pelo autor da obra original, quando for possível, e até perceptível pela autora deste trabalho, as unidades de tradução, definidas como unidades mínimas que expressam a “mesma” interpretação oferecida pela obra de Esquivel, foram identificadas de maneira prévia no próprio livro em espanhol e certas adequações se fizeram necessárias, uma vez que a língua é dinâmica e volátil, apresentando estruturas e construções que podem e devem ser refeitas ao se traduzir.

Embora a tradução literal tenha sido usada em larga escala, quando observou-se a presença desses e outros elementos funcionais no texto, de forma repetida e não linear, procurou-se agregar à tradução outros elementos que pudessem provocar as mesmas reações no leitor, segundo as escolhas da tradutora, destruindo e mantendo a letra simultaneamente.

De maneira mais elucidativa, as unidades de tradução verticais aparecem no TF de maneira recorrente e não linear. Como primeiro exemplo, podemos citar o título dos capítulos traduzidos neste projeto. Eles nomeiam um prato certamente típico de dada época em um determinado tempo no México, levando ainda ingredientes característicos. As receitas, dispostas ao longo de cada capítulo, se confundem com a própria história, uma vez que seu preparo desperta memórias de infância, tristezas e alegrias. Nesse momento, a realidade fantástica surge para explicar as reações das pessoas que preparam ou ingerem o alimento. O que importa, na visão da tradutora, é a “transferência” dos valores metafóricos que carregam os títulos e as receitas. Dessa forma, ainda que não haja similitude de receitas na cultura meta, consideramos que seria de suma importância a presença das rosas sujas de sangue no terceiro capítulo – imagem que evoca a paixão, a angústia e o martírio semelhante ao de Cristo em virtude do sangue dos espinhos. Rosas vermelhas e sangue derramado correspondem a uma mensagem na cultura ocidental judaico-cristã e sua substituição por quaisquer outros elementos comprometeria as intenções da autora – entendidas a partir do ponto de vista da

tradutora –, e não suscitariam o mesmo entendimento que o leitor do TP teve da obra – também segundo o entendimento da tradutora. Por esse motivo, o título dos capítulos e os ingredientes das receitas foram consideradas unidades de tradução recorrentes e não lineares, obviamente, uma vez que se repetem a cada capítulo. Dessa forma, a receita faz parte da história, tendo influência no comportamento das personagens, um pouco menos no primeiro capítulo que nos demais. Portanto, o título é o fio condutor que guia o leitor para o conhecimento do modo de preparo que também tem como ingredientes sentimentos, desejos e lembranças.

A comunicação dessa linguagem não verbal ocorre em virtude da presença de elementos universais que nos levam a questionar até que ponto um texto pode ser "original". A tradução literal dos títulos foi privilegiada em virtude de carregar a alteridade e de, ao mesmo tempo, comunicar um enunciado que dialoga com outros locutores, em outras esferas linguísticas. Nas palavras de Bakhtin: "todo texto é um elo numa cadeia virtualmente infinita de textos." (BAKHTIN, 2003, p. 308) e, por isso, a expressão do enunciado por meio da tradução realiza-se, não na mera troca de código linguístico, mas na permanência, na essência da "letra" (BERMAN, 2007, p. 62), onde os conjuntos de significações se exilam e comunicam uma alteridade não tão altera.

Assim, podemos identificar nos títulos a predominância da função referencial proposta por Nord (1998, p. 74), por privilegiar a compreensão dos mesmos a partir de conhecimentos prévios do leitor. Porém, por esse motivo, a tradução literal não ocorreu com certos ingredientes. Por exemplo, em *entre atoles y tés creció* ao descobrirmos, por meio de sites de culinária mexicana, que a receita de *atole* é muito similar à nossa receita de "curau", a nossa tradução privilegiou essa palavra em detrimento de "mingau", por exemplo. Embora, mingau seja um alimento para recém-nascidos em nossa cultura, entendemos que a cultura alheia pôde ser mais abraçada com a ideia de que em outro país este é o alimento comum para recém-nascidos. Aqui, a função referencial, que trouxe uma palavra conhecida, (mas, com uso diverso) ganhou relevância, ao invés da função expressiva, com a palavra "mingau" que faria o texto parecer ter sido escrito aqui, no Brasil.

Dessa forma, podemos dizer, como ilustrará o quadro a seguir, que a nossa tradução privilegiou a tradução de unidades identificadas como verticais em razão de o texto estar inserido em esferas de significações universais, regionais e até

pessoais (no que se refere ao que aos propósitos da autora da obra) – e o entendimento da obra a partir desse ponto de vista pré-determina as escolhas do tradutor e "facilita" seu trabalho, como será visto a seguir. Portanto, entendemos que o texto faz-se universal pela função da obra ser sensorial e emotiva, i.e., expressa atitudes de personagens frente a acontecimentos ditados por tradições e normas sociais. Assim sendo, a obra faz-se universal pelas histórias constantes no livro serem universais, a saber, o amor proibido, a disputa entre irmãs e o fim trágico, só para citar algumas. Porém, há originalidade na composição da trama da história e essa característica é única, assim como o enredo, o nome dos personagens e o recorte temporal feito pelo autor da obra. Por isso, vê-se que a obra também identifica-se como uma obra original, sem igual.

Retomando o conceito de Unidade de Tradução oferecido, podemos agora apresentar o projeto de tradução que orientou as escolhas da tradutora deste projeto.

Segue uma tabela ilustrativa que apresenta os principais pontos destacados no projeto de tradução deste trabalho:

| | **Texto original** | **Texto meta** |
|---|---|---|
| Fatores extra-tradução | | |
| Emissor | Laura Esquivel | Débora Souza |
| Propósito | Oferecer um romance que apresenta questões de gênero, sociais e históricas. | Mostrar um exemplo de romance feminino. |
| Receptor | Leitores adultos, capazes ou não de identificar-se com a personagem principal. | Acadêmicos[10] da Universidade de Brasília. |
| Meio | Livro publicado por editora. | Anexo de Projeto Final de Curso de Graduação. |
| Lugar | México | Brasília, Brasil. |

[10] Citados anteriormente.

| | | |
|---|---|---|
| Tempo | 1989 | 2014 |
| Intenção | Expor a cultura e as traduções familiares no México. | Oferecer o conhecimento da cultura do outro e de uma versão de texto feminino, com a mescla de elementos da cultura de chegada. |
| Função textual | Expressiva. | Expressiva – emotiva. |

| | **Texto original** | **Texto meta** |
|---|---|---|
| Fatores relativos à tradução em si | | |
| Tema | Família do México do início do século XX. | Família do México do início do século XX. |
| Conteúdo | História de uma cozinheira inserida em uma família matriarcal sem uma figura masculina responsável por ela. | História de uma cozinheira inserida em uma família matriarcal sem uma figura masculina responsável por ela. |
| Pressuposições | Apresentação de uma família matriarcal. | Comparação implícita das tradições matriarcais entre os dois países. |
| Estruturação | 12 capítulos. | 2 capítulos. |
| Léxico | Registro formal, com muitos traços da língua oral. | Registro não tão formal, com traços da língua oral. |
| Sintaxe | Mais elaborada com frases longas e pouco uso de vírgulas. | Simples, com períodos menores. |

| | | |
|---|---|---|
| Efeito do texto | Relembrar as tradições familiares dos ancestrais que talvez ainda perdurem. | Proporcionar o choque cultural e oferecer uma leitura sinestésica. |

Por meio desse quadro é possível ver muitas percepções que nortearam a tradução. Nord elenca a consideração dos itens arrolados acima para a elaboração de um projeto de tradução (NORD, 2001, p. 142), o que, dentro dos Estudos Aplicados da Tradução, contribuem com a formação do tradutor e com seu ofício pós-formação inicial.

## 3.2 Marcas culturais e problemas de tradução

Na retradução, os nomes de pessoas foram reproduzidos tal qual constam no TO. Alterar os nomes dos personagens para outros, em português, poderia "abrasileirar" o texto de maneira desnecessária, uma vez que um dos objetivos na tradução foi oferecer a alteridade, o estranhamento até certo ponto controlado, o México. Os elementos que se fizessem paralelos à situação econômica e histórica enfrentadas de maneira similar pelo Brasil, poderiam "abrasileirar" o texto de maneira a violentar desnecessariamente a língua e a cultura estrangeiras (Berman, 2002, p.18).

Em certos momentos a nacionalidade linguística por motivo de paralelismo cultural emergiu. Em outras palavras, ao perceber-se uma expressão idiomática procurou-se por uma "correspondente", quando fosse possível.

Optamos por utilizar o imperativo ao invés do infinitivo quando o gênero discursivo "receita" emergia em meio ao texto, já que a autora inicia o livro se dirigindo ao leitor, i.e., lançando mão das primeira e segunda pessoas do singular. Uma tentativa de manter essa proximidade com o leitor foi o uso daquele modo.

Na língua espanhola há um ritmo diferenciado de escrita – pontuação não correspondente e reduzido uso de locuções explicativas – o que pode comprometer a essência da forma, e segundo Benjamin, a sintaxe (BENJAMIN, 2011, p.207). Por isso, tentamos traduzir os três primeiros capítulos da obra refletindo sempre sobre essa diferença para que a fluência da tradução não fosse comprometida.

A fidelidade e a liberdade, esta subordinada àquela, estão presentes na tradução que foi pensada para a harmonia e a correspondência entre ambas as línguas, embora a proposta da autora deste trabalho não possa ser definida como solução definitiva e atemporal.

A literalidade, entre as línguas envolvidas, em considerável parte do texto se fez possível, mas o não-literal e o não-impresso também o foi, quando perceptível por parte do tradutor, é claro. Quanto à tradução de interjeições, a tradução para o português do Brasil foi privilegiada. E, como falante nativa desse português, a autora desse projeto justifica os elementos regionais que aparecem no texto traduzido por serem referência, até imagética, para ela própria.

Haroldo de Campos corrobora com Walter Benjamin ao aquele afirmar que tradução é recriação, transculturação e este esclarecer que tradução vai além da transmissão do conteúdo referencial (CAMPOS, 2011, pp. 10-24). Levando isso em consideração, em expressões como *llorar de balde*, uma tradução literal não traria a mesma estrutura do original. Agora, a expressão "manteiga derretida" usada com o mesmo propósito nos remete a um jargão infantil – imagem não presente no texto de partida – mas escolhida por não ser uma mera explicação da expressão utilizada e por conter um alimento também utilizado nas receitas de Tita. A seguir alguns exemplos em distintos níveis de unidades funcionais:

| Texto original | Tradução de Savary | Retradução |
|---|---|---|
| Algunas veces **lloraba de balde**, como cuando Nacha picaba cebolla, pero como las dos sabían la razón de estas lágrimas, no se tomaban en serio. | Algumas vezes **chorava sem razão**, como quando Nacha picava cebola, porém como as duas sabiam a razão destas lágrimas, não as levavam a sério. | Algumas vezes **chorava feito manteiga derretida**, como quando Nacha cortava cebola, mas como as duas sabiam a razão dessas lágrimas, não davam muita importância. |
| – Por hoy **ya terminamos con esto**. | – Por hoje, **terminamos com isto**. | – Por hoje, **é só**. |
| -¿**Ay sí, no**¿¡Su 'amá habla d'estar preparada para el matrimoño, **como si juera un plato de enchiladas! ¡Y ni ansina, porque pos no es lo mismo que lo mesmo! ¡Uno no puede cambiar unos** | – **Pois não é que foi assim mesmo**? Sua mãe fala de sua irmã estar preparada para o casamento, **trocando tudo, assim mesmo, assim como se nada, uma coisa pela outra, trocando gato por** | – **Ah, mas, óia**! Tua mãe falô de tá nu ponto di casá **comu se fosse um prato de panquecas! E ũa coisa é ũa coisa e ota coisa é ota coisa! I num dá pá trocá ũa lasanha por ũas panqueca** |

| | | |
|---|---|---|
| **tacos por unas enchiladas así como así!** | **lebre!** | **assim!** |

Os trechos acima apresentam exemplos distintos de trechos da obra que apresentaram dificuldades em diferentes níveis para a tradução. No primeiro trecho, temos uma expressão idiomática e no segundo, uma escolha pessoal por um uso da língua. No terceiro trecho temos a tentativa de escrita fonética da fala da criada da casa, por nossa parte, considerando que a fala é de uma personagem cômica na obra e com baixo grau de escolaridade. Tentamos a tradução dessa realidade social, através da fala, embora localize, também regionalmente, a personagem na cultura alvo.

A representação da oralidade através da escrita faz-se tarefa difícil, ainda que a tradutora tenha privilegiado uma variedade linguística específica, saber a da tradutora deste trabalho. Segundo Bagno, existem dois conceitos de *norma* (2003, p. 51), um é o da norma culta, oriunda a partir do cânone literário utilizado pelos gramáticos normativos e falado pelo extrato da sociedade com maior poder aquisitivo; e o outro é o da norma popular, presente na boca do povo, sendo uma referência à linguagem utilizada de fato, o discurso oral. A reprodução desta, revelou as escolhas do tradutor em níveis linguístico e social e o fez rever as inter-relações entre os dois registros da língua, falada e escrita. A tradução do registro oral acima revelou-se muito dificultosa e pode não representar da melhor forma possível o linguajar que a tradutora teve a intenção de mostrar. Essa dificuldade, entre outros motivos, ocorreu devido à influência da normatização da língua.

Relembramos que este não é um trabalho de comparação, mas a leitura de outra(s) tradução(ões) é inerente ao labor de reler um texto. O contato com interpretações possíveis pode ser considerado um exercício de criatividade, uma vez que as soluções mais felizes de obras traduzidas contam com certa dose dos chamados processos criativos, área estuda pelos Estudos Descritivos da Tradução, portanto não constituinte do foco do presente estudo. Situações como as do quadro expostas acima, permitiram que a tradutora pudesse agregar novos sentidos à língua de chegada. Pois, como destaca Benjamin:

> (...) a tradução toca fugazmente, e apenas no ponto infinitamente pequeno do sentido original, para perseguir, segundo a lei da fidelidade, sua própria via no interior da liberdade do movimento da língua. (BENJAMIN, 2011, p. 117)

Assim, o fenômeno temporal da linguagem enriquece o texto de chegada quando traduzido em sua essência, o que seria para Benjamin, algo como a tradução do “eco”, da intenção despertada no texto original.

Em alguns momentos palavras diferentes eram usadas com a mesma função, como por exemplo:

| **Texto original** | **Tradução** |
|---|---|
| *platos* e *charola* | bandeja |

- *platos* e *charola*, que foram identificados como utensílios de cozinha para servir alimentos prontos. Em ambos os casos, optou-se por usar a palavra “bandeja” por cumprir a mesma função de servir;

| **Texto original** | **Tradução** |
|---|---|
| *Gertrudis pedaleaba en la pianola* | Gertrudis dedilhava no piano |

- Em *Gertrudis pedaleaba en la pianola*, embora o verbo e o instrumento de corda tenham correspondência com palavras de mesmo radical na língua de chegada, sendo pianola um tipo de piano mecânico, acionado pelos pés e sem o uso das mãos, optou-se por usar um verbo comumente utilizado hoje à ação de tocar um piano, “dedilhava”, e o nome do instrumento sem especificação de seu tipo, pois o público alvo, poderia não ter conhecimento desse tipo de instrumento – que não traz relevância para o enredo, apesar de apresentar uma memória cultural. Então, tivemos aqui uma perda em função do ganho da facilitação do entendimento, para que o possível público alvo fosse mais amplo. Sabemos que *pedalear* é um verbo que chama a atenção para os pés de quem toca o instrumento e “dedilhar” para as mãos. Embora, hoje, ambos os membros sejam utilizados, optou-se por não usar o mesmo instrumento em virtude de evitar nota de rodapé ou uma explicação da especificidade do instrumento diluída no texto. Um dos objetivos da tradução, conforme

consta no projeto, é tornar o texto “fluido”, i.e., funcional para a cultura de chegada

Em outros casos foram identificados trechos cuja correspondência depende do uso da língua na cultura de chegada (da tradutora), a linguagem. A seguir, alguns exemplos:

| **Texto original** | **Tradução de Savary** | **Retradução** |
|---|---|---|
| **Manera de hacerse:** | **Maneira de fazer:** | **Modo de preparo:** |
| A Mamá Elena, de la impresión, **se le fue la leche.** | Impressionada, Mamãe Elena **perdeu o leite**. | Com o susto, **o leite** de Mamãe Elena **secou**. |
| – Perdóname, **mami**. No lo vuelvo a hacer. | –Perdoe-me, **mami**. Não volto a fazer de novo. | – Desculpa, **mãezinha**. Não vou fazer de novo. |
| Con un día de anticipación se tenían que empezar a **pelar ajos**, limpiar **chiles** y a moler especias. | Com um dia de antecedência se começava a **descascar alhos**, limpar ***chiles*** e a moer especiarias. | Com um dia de antecedência tinha que se começar a **descascar o alho**, limpar as **pimentas** e moer todas as especiarias. |

Portanto, tentamos alcançar a funcionalidade maior do texto como um todo e em suas unidades menores que levavam uma mínima carga funcionalista. Assim, a partir desses “indicadores funcionais” utilizados como exemplo, temos alguns modelos de unidades verticais usadas neste trabalho.

# 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou experienciar a tradução literária, a retradução de uma obra muito rica em elementos textuais e além-texto e trabalhar estratégias de tradução por meio de um projeto nos moldes propostos por teóricos dos estudos da Tradução como Nord (2005) e Vermeer (2000). Foi possível refletir sobre os problemas de tradução e ajustar o texto meta de acordo com as diretrizes tomadas inicialmente. Essa estratégia mostrou-se muito apropriada para ajustar a possível recepção do texto "final". Essa preocupação ocorreu para que o texto funcionasse da "mesma" forma na língua de chegada.

Após o término da tradução, não definitiva, podemos verificar que a liberdade linguística e as referências construídas provavelmente não teriam sido as mesmas de 14 anos atrás devido à própria visão da língua como identidade nacional – cada vez mais forte em virtude da globalização e dos processos afirmativos de identidade. E tampouco será a mesma daqui a 14 anos se traduzida, inclusive por outro ou pelo mesmo tradutor, que claramente não possuirá as mesmas experiências de língua e de vida – ainda que voltado para escolhas refletidas sobre a funcionalidade do produto, sobre o avanço dos Estudos da Tradução ou do encargo. Ou nada disso. Haverá tantas traduções possíveis quanto o número de tradutores da obra, todas válidas.

A proposta inicial de experiência linguística foi levada a cabo e mostrou-se profícua à formação do tradutor – entendido como um difusor da obra original e, numa esfera maior, da cultura altera. A fama da obra é reafirmada através deste trabalho de retradução que se justifica também em função da simbiose espaço-tempo.

A tarefa do tradutor não se confundiu com a tarefa de escritor, sendo aquela, a de não "encobrir o original", tentamos lembrar sempre de colocar a liberdade a serviço da fidelidade (refletida).

Com este trabalho podemos afirmar que aprendemos que existem estratégias de tradução que podem ser esboçadas antes mesmo de se começar a traduzir e, inclusive, antes de se começar a leitura do texto original, porém, também descobrimos que outras estratégias podem emanar no decorrer do próprio processo tradutório; aprendemos que a representação do discurso oral, marcadamente social

no texto original, é uma situação delicada, pois ao mesmo tempo que contribuímos para o apagamento do regionalismo do outro, rotulamos o nosso próprio; aprendemos que as escolhas feitas ao se traduzir podem até carecer de teoria, mas a reflexão é inerente ao processo; aprendemos que o tradutor, ainda que não esteja inserido no mercado de trabalho, ele é um importante mecanismo de difusão cultural, pois a leitura do outro é primeiramente feita por ele e é a partir dela que muitas outras serão construídas. Aprendemos que para traduzir é preciso desconfiar e não é preciso saber todas as respostas, mas saber onde encontrá-las.

Portanto, todos os esforços despendidos durante o curso de graduação culminaram neste trabalho que objetivou formar um melhor profissional da Tradução.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, F. H. As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor. 1. ed. Campinas: EDUNICAMP, 1993.

BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. A norma oculta. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BASSNETT, Susan. Estudos de Tradução: fundamentos de uma disciplina. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BENJAMIN, Walter. Escritos sobre mito e linguagem. A tarefa do tradutor. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2011.

BERMAN, Antoine. A tradução e a letra ou O albergue do longínquo. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

_____. A prova do estrangeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

CAMPOS, Haroldo de. Da transcriação: poética e semiótica da operação tradutora. Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2011.

ESQUIVEL, Laura. *Como agua para chocolate*. Mondadori, Barcelona, 1993.

ESQUIVEL, Laura. *Como agua para chocolate*. Trad. por Olga Savary. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

HOLMES, J. S. The Name and Nature of Translation Studies. Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies. Amsterdam: Rodopi, 1972,1988

JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação. São Paulo: Cultrix, 24ª ed., 2007.

MOUNIN, Georges. Les belles infidèles. Paris: Cahiers du Sud, 1955.

NORD, Christiane. La unidad de traducción en el enfoque funcionalista. Quaderns. Revista de traducción 1, 1998, p. 65-77

_____ [1988]: Text Analysis in Translation: theory, methodology, and didactic application of a model of translation-oriented text analysis. Trad. por Christiane Nord e Penelope Sparrow. Amsterdam, Rodopi, 2005.

POUND, Ezra. ABC da literatura. São Paulo: Cultrix, 1989.

REISS, Katharina e Hans J Vermeer. Fundamentos para una Teoría Funcional de la Traducción. Trad. Sandra Reina e Celia de León. Madrid: Akal., 1996.

SUSAM-SARAJEVA, Sebnem. Theories on the movie. Translation's role in the travels of literary theories. New York: Rodopi, 2006.

TAHIR-GÜRÇALAR, Sehnaz. Retranslation. In: Mina Baker (Ed.). Routledge encyclopedia of translation studies. London: Routledge, 1998.

VENUTI, Lawrence. Escândalos da Tradução. [tradutores Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo]. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

VERMEER, Hans J.: "Skopos and Commission in Translational Action" (1989) in: Lawrence Venuti (ed.) The Translation Studies Reader, Londres e Nova York: Routledge, 2000, 221-232.

Sites acessados:

Laura Esquível. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2014. Disponível em: < http://www.infopedia.pt/$laura-esquivel > Acesso em: 5 jun. 2014.

Miranda, Kátia. Imagens da Revolução Mexicana em Pedro Páramo (1955), de Juan Rulfo, e Como agua para chocolate (1989), de Laura Esquivel. Disponível em: < http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0983-1.pdf >. Acesso em 7 jun. 2014.

Serrão, Raquel. Sabor, emoção e tradução em Como água para chocolate. 2010. Disponível em: <http://bdtd.uepb.edu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=338>. Acesso em 10 jun. 2014.